

30 SET 23 — 25 FEV 24



CASADACERCA

Centro de Arte
Contemporânea

Contemporary
Art Centre



Cian Dayrit - Corpo Atelier - David Gonçalves - Dineo Seshee Bopape - Diogo Evangelista - Eva Fàbregas - Fazal Rizvi - Gonçalo Sena + Francisco Petrucci - Jacira da Conceição - Jiôn Kiim - Josèfa Ntjam - Jota Mombaça - Madalena Fezas Vital - Maja Escher - Maria Laet - Rodrigo Hernández - Sarah Tritz - Thierry Oussou - Vanessa da Silva

CHAMA-LHE APENAS HORIZONTE

APOIO

MAIS FRANÇA
INSTITUT FRANÇAIS

CMA —
CÂMARA
MUNICIPAL
DE ALMADA

Uma das exposições emblemáticas da história da Casa da Cerca foi "O Desejo do Desenho", em 1995. A abrir o catálogo, uma citação do tratado de Francisco de Holanda, "Sobre a Ciência do Desenho", dá o mote: "...imaginar aquilo que não é para que seja e venha a ter de ser". Esta visão reverbera nas palavras de Rogério Ribeiro, o visionário fundador da Casa da Cerca, e seu diretor até 2000, que introduz o catálogo com um poema da sua autoria.

Que dizer do muito / deste "ser".., / que nesta "casa" tentamos, / entre os mil caminhos possíveis, / trilhar aqueles / que a procura / nos vai relevando ... / e tentar expor / o entretanto visto, / para que se cumpra / o que o desenho, / inesgotavelmente, / revela.

Tanto a sabedoria intemporal de Francisco de Holanda como a poesia introspectiva de Rogério Ribeiro convergem para uma reflexão singular: O desenho é o prenúncio do que está para vir; ele encarna a transformação da imaginação em forma, dando corpo aos pensamentos e tornando-os tangíveis.

É este espírito do desenho como desígnio, de algo antecipa, que é antes de ser, que permeia a exposição "Chama-lhe Apenas Horizonte", título retirado de um poema de Ocean Vyoung. No 30º aniversário desta 'casa' onde o 'ser' desenho é explorado nas suas múltiplas dimensões, através dos "mil caminhos possíveis", regressamos à ideia inicial do desenho como desejo de um futuro, como um horizonte sempre ao alcance, mas nunca totalmente alcançado.

Com esta exposição, fazemos a transição do passado para o território desconhecido do futuro. À medida que nos aprofundamos na contemplação do que o desenho poderá manifestar nas próximas três décadas, torna-se claro que este não é apenas um meio de expressão artística; é um horizonte de possibilidades em constante expansão. Este horizonte simboliza o território inexplorado onde artistas, pensadores e visionários convergem para navegar nas complexidades do nosso mundo em evolução.

Começamos pelo traço de uma criança de 6 anos, o Hélio, filho da artista Sarah Tritz, que desenha nas ardósias da mãe. Para Tritz, estas superfícies representavam palimpsestos perfeitos que contêm todos os traços do passado, mas também todos os que ainda não foram desenhados. Para Hélio, assemelham-se a ecrãs como um computador ou um tablet. No cruzamento entre as duas perceções da superfície, ficaram os desenhos da criança. Neste contexto são lidos como o gesto inicial, a primeira leitura do mundo, a primeira tentativa de representação, que já contem em si todo o futuro.

Neste horizonte sem limites, o desenho assume múltiplas formas, cruzando-se com a escultura, os têxteis, a cerâmica, o vídeo, a luz e muito mais. Os artistas desta exposição desafiam os limites do que tradicionalmente constitui o desenho. Uma peça de têxtil, outrora estática, ganha agora vida com desenhos dinâmicos que respondem ao movimento das águas ou à nossa passagem. A cerâmica assume novas dimensões à medida que desenhos tridimensionais emergem do barro maleável. Os vídeos criam narrativas visuais interativas e em constante mudança que desafiam a nossa perceção do tempo e do espaço. Especulações sobre astros, conjecturas protocientíficas e especulativas, mitológicas, feministas, pós-colonialistas, mais-que-humanas e ativistas, sónicas e profundamente matéricas.

Ao olharmos para as obras destes artistas visionários, lembramo-nos de que o horizonte do desenho é limitado apenas pela nossa imaginação e pela nossa vontade de abraçar o desconhecido. O desenho é exatamente a ponte entre o presente e o que virá, entre o que se imagina agora para que venha a ser. É a revelação do mundo. Um horizonte que nos desafia a transcender os nossos limites e a continuar a desenhar o futuro e a projetar novas possibilidades de ser, um traço de cada vez.

30TH SEPT 23 — 25TH FEB 24



CASADACERCA

Centro de Arte
Contemporânea

Contemporary
Art Centre



Cian Dayrit - Corpo Atelier - David Gonçalves - Dineo Seshee Bopape - Diogo Evangelista - Eva Fàbregas - Fazal Rizvi - Gonçalo Sena + Francisco Petrucci - Jacira da Conceição - Jiôn Kiim - Josèfa Ntjam - Jota Mombaça - Madalena Fezas Vital - Maja Escher - Maria Laet - Rodrigo Hernández - Sarah Tritz - Thierry Oussou - Vanessa da Silva

JUST CALL IT HORIZON

SUPORT

MAIS INSTITUTO FRANCÊS DE LISBOA
FRANÇA

CMA —
CÂMARA
MUNICIPAL
DE ALMADA

One of the iconic exhibitions in the history of Casa da Cerca was "The Desire of Drawing" in 1995. Opening the catalog, a poignant quote from Francisco de Holanda's treatise, "On the Science of Drawing," sets the tone: "...to imagine what is not so that it may be and may have to be." This profound insight reverberates in the words of Rogério Ribeiro, the founding visionary behind Casa da Cerca, and its director until 2000, who introduces the catalog with a poem of his own.

What can we say about so much / of this "being", /
that in this "house" we try, / among the thousand
possible paths, / to follow those / that the search /
reveals to us ... / and try to expose / what we have
seen in the meantime, / so that we can fulfill / what
drawing / inexhaustibly / reveals.

The timeless wisdom of Francisco de Holanda and Rogério Ribeiro's introspective poetry converge on a singular reflection: Drawing is the herald of what is to come; it embodies the transformation of imagination into form, giving shape to thoughts and rendering them tangible.

This spirit of drawing as intent, as a precursor to existence, permeates the exhibition "Just Call it Horizon" – a title borrowed from the verses of Ocean Vyoung. Marking the 30th anniversary of this 'house,' where the essence of 'being' through drawing has been explored along "a thousand possible paths," we return to the foundational idea of drawing as a vessel for future desires, as a horizon ever within reach but never fully grasped.

Through this exhibition, we transition from the past into the uncharted territory of the future. As we delve into contemplating what drawing may manifest over the next three decades, it becomes abundantly clear: Drawing is not merely a medium for artistic expression; it is an ever-expanding horizon of boundless possibilities. This horizon signifies the unexplored realm where artists, thinkers, and visionaries convene to navigate the complexities of our ever-evolving world.

We begin with the trace of a 6-year-old child, Hélió, son of artist Sarah Tritz, who draws on his mother slates. For Tritz, these surfaces represented perfect palimpsests holding within them traces of both past and future. For Hélió, they they resemble screens akin to computers or tablets. . It is at the intersection of these two perceptions that the child's drawings reside. In this context, they are perceived as the initial gesture, the first reading of the world, the first attempt at representation, which already contains the entirety of the future.

Within this limitless horizon, drawing takes on multiple forms, intersecting with sculpture, textiles, ceramics, video, light and much more. The artists in this exhibition challenge the boundaries traditionally ascribed to drawing. A once static textile comes to life with dynamic drawings that respond to the movement of water or our passage. Ceramics take on new dimensions as three-dimensional designs emerge from malleable clay. The videos create interactive, ever-changing visual narratives that challenge our perception of time and space. Speculations on stars, proto-scientific and speculative conjectures, mythological, feminist, post-colonial, more-than-human and activist, sonic and deeply materic.

Looking at the works of these visionary artists, we are reminded that the horizon of drawing is bounded only by our imagination and our desire to embrace the unknown. Drawing is precisely the bridge between the present and what is to come, between what is imagined now and what will be. It is the revelation of the world. A horizon that challenges us to transcend our limits and continue to draw the future and project new possibilities of being, one stroke at a time.